



CAMPESINATO NEGRO NA FRONTEIRA SUL: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MORMAÇA/RS E DA INVERNADA DOS NEGROS/SC

Eliane Taffarel

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista Capes

Emerson Neves da Silva

Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

emerson.silva@uffs.edu.br

1. Introdução

A presente pesquisa se situa em um campo de pesquisa conhecido como pós-abolição pois analisa a trajetória de pessoas e comunidades negras urbanas e rurais no contexto pós-liberdade. Nas comunidades selecionadas como objeto para este estudo, observamos que o passado escravista é constantemente acionado e por isso também o uso deste termo.

A pesquisa se justifica pela necessidade de aprofundar os estudos sobre o pós-abolição onde, por muito tempo, a colonização teve maior foco nas pesquisas. Sendo a Universidade Federal da Fronteira Sul uma universidade pública, precisamos ampliar os debates e as pesquisas realizadas sobre os povoados negros na região, assim como os estudos indígenas. Afinal, na fronteira sul observamos que a ideia republicana de “branqueamento” da população trouxe grandes consequências para os negros, como a invisibilidade, mas ainda mais desafios aos camponeses negros. Diante disso, a presente proposta de pesquisa contribuirá para o debate sobre o tema e para a construção da história da região com um olhar sobre a diversidade.

Após mapeamento definimos pelo estudo sobre a Invernada dos Negros (Campos Novos/Abdon Batista) em Santa Catarina e a Mombaça (Sertão) no Rio Grande do Sul. A primeira tem a propriedade da terra a partir de um testamento datado de 1877, já a segunda se constitui a partir da posse.

A presente pesquisa tem, portanto, como objetivo geral analisar comunidades quilombolas rurais no contexto do pós-abolição com ênfase na formação, permanência,



EVENTO HÍBRIDO | PRESENCIAL E ONLINE

IVSimpósio de
Pós-Graduação
do Sul do Brasil

01 A 03 DE SETEMBRO DE 2025

UFFS - CAMPUS REALEZA/PR

TRANSMISSÃO ONLINE YOUTUBE



resistências e conflitos no desenvolvimento do campesinato negro na Fronteira Sul do Brasil (século XIX ao tempo presente). Para além disso, o estudo visa: conhecer a história e a trajetória negra nos territórios da Invernada dos Negros (SC) e Mormaça (RS); analisar as formas de produção, as características e os desafios do campesinato negro; observar as relações sociais e os processos de resistência e permanência; compreender os conflitos, especialmente agrários, vivenciados pelos camponeses negros; registrar a presença e a ação das camponesas negras; e mapear o patrimônio material e imaterial que reforcem o campesinato negro dessas comunidades.

2. Metodologia

A Escola dos Annales, com suas novas perspectivas de temas e fontes, modificou a historiografia em todo o mundo, influenciando a historiografia brasileira. Um exemplo são os trabalhos sobre o pós-abolição, tema que até os anos 1990 não registrava muitas pesquisas no Brasil. Mais recentemente, temos muitos pesquisadores que passaram a estudar as “terras de preto” e as comunidades declaradas como remanescentes de quilombo, buscando entender e registrar a formação e a história dessas comunidades. Essas pesquisas são realizadas por historiadores, sociólogos e antropólogos.

Essa interdisciplinaridade tem contribuído nos estudos do pós-abolição a fim de entender as formas de vida das comunidades negras rurais, muitas delas já autorreconhecidas como comunidades quilombolas. A nova definição de comunidade quilombola foi proposta após 1994 através dos debates da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). De acordo com o Decreto 4.887, promulgado em 20 de novembro de 2003, “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos [...] grupos étnicos-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (Brasil, 2003).

Muitas das comunidades negras rurais - quilombolas, foram conhecidas através de pesquisas históricas do pós-abolição. Uma das formas de desenvolver os estudos é através de relatos e entrevistas. Assim a ideia, neste estudo, é utilizar, além de documentos, relatos orais. Tais fontes podem contribuir para reconstituir a formação das



comunidades negras, da forma de trabalho no campesinato, dos conflitos e resistências, por isso, os conceitos de memória tomam elevada relevância em nosso estudo e serão devidamente debatidos.

No entanto, além das fontes orais, a pesquisa se utilizará dos processos que tramitaram no INCRA sobre as duas comunidades, das fontes cartoriais, judiciais, jornalísticas, entre outras.

3. Resultados e discussão

O presente estudo ainda está em fase inicial, mas já podemos perceber algumas semelhanças e diferenças entre as duas comunidades quilombolas. Uma das diferenças é o acesso à terra, sendo a Invernada dos Negros por testamento e a Mormaça pela posse. Porém, no quesito terra também é possível perceber uma semelhança: as duas tiveram processos de expropriação do seu território. No caso da Invernada, nem o testamento, um documento, garantiu seguridade. Algumas pessoas se utilizaram de mecanismos jurídicos para dividir a terra e se apropriar do território negro.

Outra semelhança são as relações de parentesco como fator primordial e a forma de apropriação do solo e dos recursos naturais a partir do uso comum. O uso do solo somente se modifica, nas duas comunidades, a partir do momento que as matas são derrubadas, que as cercas inviabilizam o ir e vir de pessoas e animais, e que a terra diminui de tamanho. Nos dois territórios também se observa que a forma de uso é para a subsistência, não visando exclusivamente o lucro. A comercialização é só do excedente, quando ocorre.

Outro ponto é que, após os incentivos governamentais para a vinda de descendentes de europeus para as áreas próximas das duas comunidades, observa-se a monocultura de grãos na Mormaça e de *pinus* na Invernada dos Negros. Essa monocultura interfere na vida das comunidades, especialmente pela contaminação do solo e da água.

Essas questões, somadas à redução de suas áreas, fez com que muitos moradores precisassem sair das comunidades para sobreviver, passando a trabalhar como empregados ou diaristas. Além disso, para quem ficou, a redução das áreas gerou mudanças na forma de produção. Na Invernada dos Negros, eles utilizavam um pedaço



de terra até ela começar a demonstrar desgaste e depois iam para outro espaço, afinal, a quantidade de terra permitia isso. Fato semelhante era realizado na Mormaça, com o sistema de pousio, ou seja, de deixar a terra “descansar” por algum tempo. Essa forma de utilização não foi mais possível a partir da redução do tamanho das propriedades.

Diante de todos esses pontos, observamos que as dificuldades pelas quais essas comunidades negras rurais passaram ao longo do século XX e início do XXI, está ligada as ações governamentais que, primeiro, não deram acesso aos negros a direitos básicos de cidadania; e segundo, desconsideraram essas comunidades no projeto de desenvolvimento do país, permitindo a expropriação de seus territórios e a exclusão e invisibilidade dessa população.

4. Considerações finais

A pesquisa está em seu início, mas já podemos perceber pelas fontes consultadas que é possível desenvolver o estudo seja a partir dos laudos sócio-histórico-antropológicos, seja por outras fontes. A realização das entrevistas, por exemplo, será após aprovação no Comitê de Ética.

Enquanto as entrevistas não são realizadas, a pesquisa tem focado em conhecer a história e a trajetória negra nos territórios da Invernada dos Negros (SC) e Mormaça (RS) e em observar as relações sociais e os processos de resistência e permanência. Nesse caso, os processos também ocorrem a partir do momento que as comunidades se organizam e passam a buscar direitos básicos como saúde, educação, moradia digna e a retomada de suas terras.

Nas fontes e pesquisas observadas até o momento é possível ver que o autorreconhecimento como quilombola (a partir de 2003) e a luta pela terra mobilizou não apenas os colonos que adquiriram as propriedades comercializadas com o aval dos estados, e que se intitulam “legítimos proprietários”, mas também envolveu políticos e a sociedade em geral. A luta e a resistência, portanto, ocorreu em um passado remoto, mas também recente. E, aliás, segue ocorrendo.



EVENTO HÍBRIDO | PRESENCIAL E ONLINE



IVSimpósio de
Pós-Graduação
do Sul do Brasil

01 A 03 DE SETEMBRO DE 2025

UFFS - CAMPUS REALEZA/PR
TRANSMISSÃO ONLINE YOUTUBE



Referências

MOMBELLI, Raquel; BENTO, José. Invernada dos Negros. In **Quilombos no Sul do Brasil. Perícias Antropológicas**. Florianópolis: Boletim Informativo do NUER, vol. 3 – No 3. 2006.

MULLER, Cíntia Beatriz; SALAINI, Cristian Jobi; SANTOS, Sherol dos; FOCHESSATTO, Ciane; MULLER, Márcia. **Comunidade Remanescente Quilombo da Mormaça: História, Cotidiano e Territorialidade**. 2007

RIOS, Ana Lugão; MATTOS, Hebe. **Memórias do Cativeiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

TAFFAREL, Eliane. **Da Fazenda São João à Comunidade Quilombola Invernada dos Negros: terra, trajetória e permanência**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História: Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.